

Entre encantarias, desenhos e pinturas: uso da arte como ferramenta etnográfica e afetiva em comunidades de várzea amazônica (Pará-Brasil).

Emilly Yasmim Lopes Cardoso
Programa de Pós Graduação em Antropologia e Arqueologia - UFOPA
encantosdavarzea@gmail.com
Santarém-PA

Palavras Chaves: Mulheres Varjeiras, Encantados; Emergência Climática.

Introdução

Abordar sobre encantados em determinados contexto sociais na Amazônia, exige sensibilidade e respeito, pois nem sempre a pessoa interlocutora se sente à vontade em expor uma experiência vivenciada “frente a câmera” ou ao caderno de campo. Os encantados para os diversos povos da Amazônia são entidades espirituais que residem nas florestas e rios, que se manifestam em formas de animais, humanos e humano/animal, como o boto, cobra, peixe, homem, mulher, metamorfo, também em rituais xamânicos, casas de terreiros e outras expressões culturais e religiosas da região. Seus locais de morada se constui nos igarapés, lagos, rios, plantas e árvores, são as encantarias que compõem a cosmologia afroindígena Amazônica, que estabelece uma percepção própria de ver o mundo, são repassadas por meio da memória oral e vivenciada por regras estabelecidas ancestralmente nas comunidades tradicionais da região (VAZ, 2010; CARDOSO, 2019; PEREIRA, 2021; LOPES, 2025).

Apresento neste trabalho os principais meios metodológicos que desenvolvi com o uso do desenho nas comunidades no meu processo de pesquisa de trabalho de conclusão de curso de antropologia (TCC), o uso de desenho surgiu como alternatia para levantar abordagens das encantarias presentes na região do Aritapera. Por meio do uso de imagens e versos com oficinas desenvolvidas com jovens (Oficina Navegando e Cartografia Social) no projeto Guardiões da Sociobiodiversidade Amazônica. E adicionalmente produzida por mim com o projeto “Resgate das Taperas de Encantados”, no qual busquei retratar em 12 telas de artes digitais a maneira como as manifestações de encantados ocorrem nas comunidades. As imagens produzidas por mim, foram inspiradas por meio dos relatos das memórias orais de anciãs das comunidades Centro, Carapanatuba e Água Preta, sendo ao total 15 pessoas entrevistadas. ¹

¹ Trabalho apresentado na 35ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2026)

Há diversos contextos sociais no qual se exige da pessoa pesquisadora abordar de forma sensível, respeitosa e com responsabilidade sobre o tema nos territórios, pois são saberes que carregam memória de grupos que historicamente foram desacreditados pelas suas formas de existir no mundo, e que assola na Amazônia com o avanço da ideia de desenvolvimento e progresso. Sendo assim, por meio da cosmologia afroindígena Amazônica, é possível compreender como esses saberes sobre o uso do território em comunidades de várzea se sustenta diante dos impactos das mudanças climáticas e racismo ambiental que ocorrem na região (TUPINAMBÁ, 2022; LOPES, 2025).

Segundo Raquel Tupinambá (2022), o racismo ambiental na Amazônia ocorre quando os povos indígenas, quilombolas e ribeirinhos são obrigados a deixar de consumir os alimentos do rio, plantar, colher, se conectar com a terra e a água e consequente deslocamento forçado de suas comunidades para a cidade, causados pelos impactos ambientais ocasionado pelo avanço de empreendimentos da mineração e o agronegócio na região. Para nós povos amazônidas, a nossa cultura e formas de existir no mundo está diretamente conectado com o território, Ailton Krenak (2022) em seu livro “Futuro ancestral”, menciona sobre a necessidade de conhecer os modelos de vida das pessoas que residem nas beiradas dos rios do baixo Tapajós e Amazonas, pois são pessoas que vêem o rio como seres vivos, um ser que guarda memórias ancestrais dos povos da florestas e rios.

O rio se trata de um recurso essencial que faz parte da vida cotidiana varjeira, pois é nele que se desempenha a mobilidade, extrai o alimento para consumo e realiza-se limpeza e asseio. O rio, além de auxiliar na sobrevivência física, concentra a dinâmica cultural das comunidades varjeiras. Assim, o rio está presente na dinâmica das relações entre seres humanos e encantados nos territórios amazônicos. Inclusive, conforme mencionei, as moradas dos encantados estão concentradas nos rios, por isso, o respeito aos rios é fundamental, que resulta na manutenção das paisagens e da biodiversidade ecossistêmica.

Sobre o Local de Pesquisa: Região do Aritapera

Sendo assim, este trabalho se baseia no afeto que eu e as moradoras varjeiras do Aritapera possuem com os rios que banham a região de Santarém-PA, os rios Amazonas e Tapajós. Vale ressaltar que o nosso ponto de referência de localização no oeste do Pará se baseia nos afluentes da bacia desses rios (Baixo Amazonas e Baixo Tapajós). A região do Aritapera em questão se localiza no Baixo Amazonas.

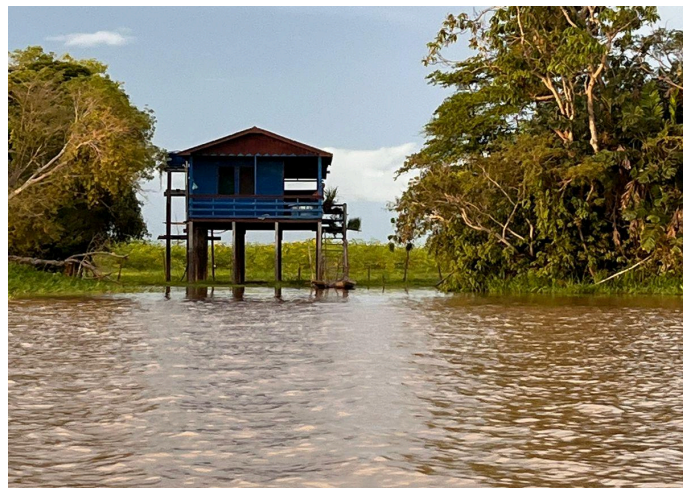


Figura 1: Casa de várzea em Carapanatuba, Aritapera. (Fonte: autora, 2026)

Sua área geográfica abrange ecossistemas de várzea, áreas sujeitas a inundação, por isso a mobilidade depende da dinâmica do rio Amazonas, que passa por quatro distintos momentos (enchente, cheia, vazante e seca), conforme período de inverno e verão. A região engloba uma estimativa populacional de 2.479 pessoas que abrange as quatorze (14) comunidades, sendo elas: Centro Surubiú-açu, Praia Surubiú-açu, Ponta Surubiú-açu, Ilha do Bom Vento, Santa Terezinha, Boca de Cima, Cabeça do Onça, Mato Alto, Centro do Aritapera, Carapanatuba, Enseada do Aritapera, Água Preta, Costa do Aritapera e Ilha de São Miguel, essas comunidades compõe o Projeto de Assentamento Agroextrativista Aritapera (PAE) (LICATA, 2023).

Em uma perspectiva histórica, o termo Aritapera foi estabelecido em homenagem ao nome do primeiro morador da região, o chefe indígena Ari, que morava em sua casa de oca “tapera” na região. Taperas no vocabulário Nheengatu também significa povoado abandonado ou habitação extinta (FREITAS 1930, LICATA 2023). Embora não haja um registro oficial sobre o momento em que o nome foi substituído de “Ilha da Trindade” para Aritapera (PEDROSO, 2022), esta narrativa é muito presente na história oral dos (as) moradores (as) da região.

Além disso, a região do Aritapera é referência pela produção e confecção de cuias que abastecem toda a região oeste do Pará. Todo o processo criativo das vasilhas que serve para tomar caldos como o tacacá, mingau de banana e munguzá, bebidas como o tarubá, açaí

e bacaba, além de decoração para ornamentações e chaveiros, são produzidos por mulheres. Elas se organizam por meio da Associação de Artesãs Ribeirinhas de Santarém (Asarisan), individualmente ou grupos familiares. Os modos de fazer cuia na região do baixo Amazonas, onde o Aritapera se inclui, são considerados desde 2015 pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) como patrimônio cultural brasileiro (CARVALHO, 2011; 2015).



Figuras 2, 3 e 4: Sequência de fotografias retratando a confecção e produção de cuias no Aritapera.
(Fonte: autora, 2024)

Outras atividades que essas mulheres agenciam nas comunidades são as festividades religiosas, culinária, clubes de futebol, festival folclórico, salões de festas e educação escolar. Além dos cuidados domésticos, roçados, pescas e outras atividades ligadas ao artesanato, as mulheres são as principais protagonistas deste trabalho, pois são seus corpos que estão nas margens das relações de cuidados e restrições ligadas com as principais atividades cotidianas que recaem sobre elas. Como os horários que podem ir à beira d'água, adentrar a um lago, igarapé ou nas proximidades de uma árvore antiga, os cuidados com seus corpos quando estão menstruadas ou em fase de puerpério, são exemplos de cuidados e restrições que as mulheres seguem nas comunidades da PAE Aritapera.

Sensibilidades, Afetos e Questões Envolvidas no Processo de Pesquisa

Baseda nessas questões, conseguir abertura sobre as manifestações de encantados, inicialmente havia uma certa resistência de algumas interlocutoras para expor sobre o assunto, principalmente quando houve a utilização de gravação em vídeo. Nesse sentido, compreendendo que se tratava de um tema que cruzava questões sensíveis, principalmente quando as interlocutoras tiveram experiência com o encanto ou por ter assistido alguma

manifestação de um (a) ente da família, procurei não registrar as entrevistas por meio do audiovisual.

Além do desconforto de algumas interlocutoras com gravações de vídeos, passei por conta de problemas técnicos, como o microfone de lapela que não captou a voz das interlocutoras e acabei ficando em prejuízo. Nesse sentido, para que não ocorresse problemas assim, nas entrevistas seguintes que executei, as gravações em áudio foram mais seguras, tanto para que os (as) interlocutores (as) se sentissem a vontade de expor suas vivências, quanto para não ocorrer risco de perder informações que precisava captar para este estudo.

A problemática em torno das abordagens sobre o tema, nasce justamente ao preconceito de quem reside em áreas urbanas sob os modos de vida varjeira, os seres encantados são colocados no lugar de lenda, ou a descrença da existência dos encantados nos territórios, e referente às pessoas que passam por experiência de encantamento ou está em desenvolvimento de mediunidade com os encantados (LOPES, 2025).

Este fato se dá por conta da difusão do folclore estereotipado, nesse caso, quando as narrativas que envolvem a manifestação de encantados são retratadas de forma fictícia, como se não existissem, como só ocorresse no passado, e em cima disso criam-se narrativas de forma romantizada. Como exemplo a generalização de histórias que envolve a sedução do boto, ou a fisionomia da curupira, esses tipos de narrativas invisibiliza as diversas formas que envolve a especificidade local de cada comunidade ou território, pois as encantarias envolve diversas maneiras de se relacionar com essas forças vivas presentes nas florestas e rios (LOPES, 2025).

Sendo assim, o uso do desenho no processo de pesquisa, surgiu como necessidade de despertar o interesse de jovens e da comunidade em geral sobre o tema. O intuito foi estabelecer que as memórias orais difundidas pelas pessoas mais velhas das comunidades também são conhecimentos legítimos de saber em espaço acadêmico e o potencial artístico e cultural que essas memórias possuem para a região, pois é o nosso patrimônio de cultura imaterial.

Para mim, enquanto pesquisadora e artista visual, foi interessante pensar nas possibilidades que a Antropologia proporciona ao nosso fazer etnográfico, e trazer essas obras de artes digitais para esta pesquisa foi importante para que se colocasse em prática o retorno de forma didática nas comunidades. A principal questão que nos foi demandada desde o início da pesquisa, foi proporcionar um retorno destes trabalhos da forma que a comunidade entendesse como as pesquisas estão sendo desenvolvidas, como estamos retratando a identidade e vida das moradoras (es) das comunidades envolvidas.

Além disso, o uso dos desenhos trabalhado com os jovens e por mim, enuncia um laço afetivo com o lugar a qual me envolvi em campo, as casas, os ambientes, as histórias que vivi e as pessoas no qual estabeleci amizades e parcerias de trabalho. O cuidado e afeto no processo de desenvolvimento deste estudo, se baseia nos encontros e acolhimentos que tive com as mulheres e jovens meninas nas comunidades envolvidas e o afeto nasce no amor que compartilhamos com o rio e a floresta que habitamos e nos conectamos diariamente.

Oficina Navegando: Percepção dos encantados com o uso de desenhos e versos de jovens comunitários.

Em 2023 por meio do Projeto Guardiões da Sociobiodiversidade Amazônica executamos a oficina “Navegando pelos rios de saberes nas imagens e versos” com realização de atividade de coleta de imagens (desenhos) e versos com estudantes do ensino médio da escola Santíssima Trindade, escola polo do Aritaperá. Os temas versavam sobre formas de uso e percepção dos recursos naturais (capivaras, bichos de cascos, pirarucu, marreca, pato do mato e aningaís) e das mudanças climáticas e encantados no ecossistema de várzea percebidas pelos (as) varzeiros (as) que ministrado por mim conjuntamente com uma estudante do ensino médio e bolsista do projeto, Grazielle Benício.

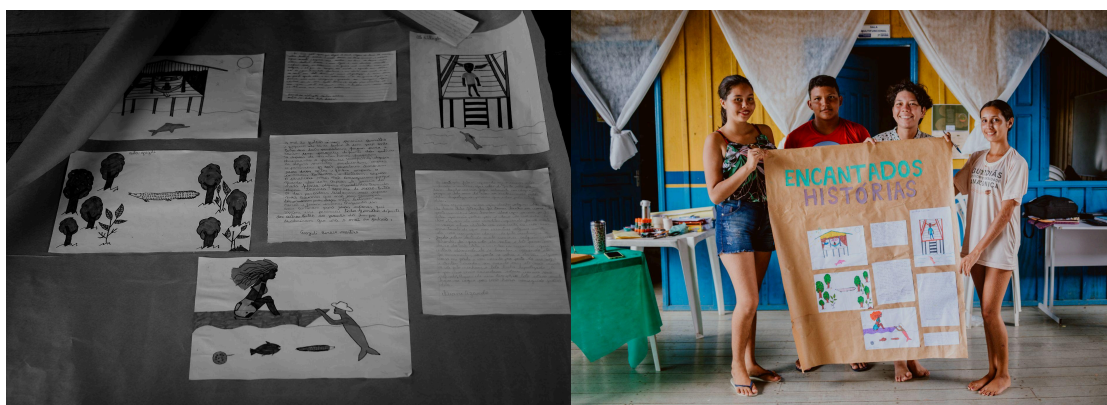
No grupo que ministramos, tínhamos quatro jovens conosco, que abrangiam as comunidades Enseada, Centro, Carapanatuba e Água Preta. O principal entrave de articular com os (as) jovens em relação ao tema da pesquisa, que estava se iniciando por mim e Grazielle, foi a dificuldade dos (as) jovens relatarem abertamente acontecimentos que haviam presenciado ou ouvido de parentes próximos na comunidade relacionado aos encantados.

Essa dificuldade já era prevista, pois em conversas informais com comunitários (as) da faixa etária de 40 a 70 anos, sempre relataram que os (as) jovens não davam importância para o tema. Também observei a forma como os (as) jovens tratavam quando levantávamos o assunto em momentos de socialização. Porém, a crença a respeito dessas entidades partindo de jovens, variou de acordo com grupos sociais que pertencem. Sendo assim, o que pode estar relacionado a influências internas ou externas, no caso, familiar, religiosa, as informações que estão acessando pelas mídias sociais ou a influência do preconceito urbano que há sob seus modos de vida.

Eu e Grazielle realizamos a força tarefa em apresentar referências e informações que pudessem despertar o interesse dos (as) jovens sobre o tema, o que foi fundamental para facilitar o acesso aos relatos. Com o intuito de desmistificar a folclorização estereotipada do

tema, que inclusive é a forma usualmente expressa nos livros escolares, realizamos apresentações sobre a importância do tema e como é retratado nos estudos de antropologia.

Com essas questões, após a apresentação com os (as) jovens, propomos uma tarefa de casa para cada jovem do grupo, no caso, procurar parentes mais experientes da vida para conversar sobre o nosso tema (encantados e mudanças climáticas), fazer uma entrevista e descrever o que os (as) parentes relataram a eles. No dia seguinte, eles chegam com as histórias coletadas e reproduzimos essas histórias em desenhos para compor um cartaz, que posteriormente faríamos uma apresentação para os (as) demais colegas da escola, nas imagens (figuras 5 e 6) são alguns registros desta atividade pedagógica desenvolvidas com os jovens.



Figuras 5 e 6: imagens dos materiais produzidos pelos estudantes da escola Santíssima Trindade (Fonte: Gabriel Licata, 2023)

Incisivamente estava aplicando no espaço de ensino o que Nego Bispo (2019) denomina de “saber orgânico” que consiste no conhecimento que vamos desenvolvendo ao longo da vida, como técnicas de pesca, caça, roçado, manipulação de plantas medicinais, práticas de rezas e puxações. Procurei levar para a sala de aula o que estava aprendendo com as anciãs das comunidades junto aos (às) jovens da escola, apresentando a importância desses saberes estarem sendo retratados na escola e na universidade.

Ao mesmo tempo, observando o que as (os) jovens traziam para mim, por meio de oficinas pedagógicas, apliquei a confluência do saber. Ao mesmo tempo que os ensinei exercícios etnográficos, eles me apresentaram detalhados relatos que acompanharam todo o processo de pesquisa deste estudo, se trata de um potente processo de trocas e saberes entre a pesquisadora, jovens e interlocutores.

Beatriz Moura (2022) argumenta que a sala de aula é uma possibilidade para legitimar os conhecimentos tradicionais, por meio de sua proposta metodológica denominada

encruzilhada, como o lugar potência para abrir caminhos a novos horizontes do conhecimento. Meu trabalho seguiu as mesmas linhas da encruzilhada, onde procurei evidenciar aos jovens das comunidades, em seus espaços de aprendizagem formal, que os seus modos de vida, as suas vivências, a interação com a natureza e os saberes ancestrais de seus familiares são também legítimos processos de ensino aprendizagem repleto de conhecimentos.

Projeto Resgate das Taperas de Encantados: Uso de Arte Digitais e Afetividade em Campo

O desenho além de ser um conteúdo complementar às comunidades envolvidas na pesquisa, tornou o meu processo de escrita do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) menos difícil, deu cor e vida a este estudo. O projeto Resgate das Taperas de Encantados, foi contemplado pelo edital da Lei Paulo Gustavo - segmento cultura digital (Lei Complementar nº 195/2022). Que consiste em 12 telas de artes digitais que foram confeccionadas por mim e estão alocadas em um site da internet (<https://xn--piraproducts-u9a6p.com/taperas>), além dos formatos digitais foram doadas em formato físico à Escola Santíssima Trindade e a Pró Reitoria de Cultura, Ensino e Extensão da UFOPA.

O uso de desenho para tratar sobre encantarias em trabalhos antropológicos na Amazônia é fundamental, pois colabora na visibilidade, conscientização e reconhecimento desse saber em espaços não acadêmicos, se trata de uma forma de expressão acessível ao público. O trabalho do antropólogo Anderson Pereira (2018) é um exemplo ilustre sobre a relação da Antropologia com a arte na região santarena. Ele tem produzido trabalhos que retratam as expressões de encantarias em espaços sagrados afro-religiosos do Oeste do Pará, por meio de artes plásticas e representação de imagens nas publicações de seus artigos científicos, o que tem dado visibilidade sobre o tema nas expressões da cultura imaterial em Santarém.

O desenho pode ser uma ferramenta de renovação da antropologia, pois resgata a sensibilidade, subjetividade, criatividade, fluxo, experiência, pulsão, vida e totalidade na etnografia, como diz (Duarte, 2012; p. 425). Para Karina Kuschnir (2016), é necessário que haja valorização desta prática na etnografia, pois se trata de uma forma de expressar a liberdade, o registro e reflexões com especificidades próprias da pessoa que pesquisa com os (as) interlocutores (as) do ambiente em que está interagindo no processo da pesquisa.

Os desenhos que compõem a coleção Resgate das Taperas de Encantados marcam a minha afetividade com os principais lugares visitados em campo, a visualidade que se

estabeleceu em meu imaginário no momento em que estava ouvindo as interlocutoras em campo e áudios, além da amizade, acolhimento e cuidado com as pessoas interlocutoras as quais me aproximei em campo.

Entre essas interlocutoras, destaco a dona Rosalina (Bilda), uma grande anciã e médium da comunidade Água Preta, e carinhosamente invés de interlocutora/informante a menciono neste texto e outros espaços de apresentação como “orientadora da comunidade”. Pois meu caminho ao lado dela em campo, consistiu em muita partilha de conhecimento, acolhimento, conselhos, articulações e sugestões de abordagens com outras pessoas em sua comunidade. A presença de dona Bilda no meu processo de pesquisa em campo foi fundamental para que eu desenvolvesse a sensibilidade necessária de abordagens em campo e perceber os ambientes em que eu adentrava, com pedidos de permissão, seguir à risca os resguardos e regras que mulheres precisam seguir nas comunidades durante seu ciclo menstrual.

Abaixo apresento as 3 imagens que compõe a coleção Resgate das Taperas de Encantados, dedicadas a minha experiência ao lado de dona Bilda, na imagem (Figura 7) é um autorretrato dela, com o seu ofício do uso de plantas mendingais no processo de benzer, puxar e fazer remédios. As plantas medicinais para ela são tidas como fontes de conexão com os encantados, quando eles a acionam a fazer a um remédio para curar determinada doença ou tratar alguma pessoa que passa por encantamento.



Figura 7: Imagem de Dona Bilda. (Fonte: autora, 2024)

Nesta outra imagem (Figura 8) abaixo, retrata a sua casa, refiro a esta imagem como “Lugar Encantado” pois as castanheiras sapucaia a qual cerca sua casa e toda a área da comunidade Água Preta, carregam memórias ancestrais do território, retrata o processo histórico que marcou o região no período da instalação do engenho de cana de açúcar e como as habitações foram sendo transformadas ao longo do tempo na comunidade, a violência que os antepassados nesta região passaram com a disputa de usufruto de ouro e joias. Para além deste processo histórico, a casa de dona Bilda representada nesta imagem, estabelece em minha memória como um lugar que me acolheu por diversas vezes em campo, e o quanto sua presença e de sua neta Mayla Martins estabeleceram um ambiente de acolhimento e cuidado com as regras estabelecidas no território.



Figura 8: Lugar Encantado. (Fonte: autora, 2024)

Procurei trazer para a imagem ilustrada na figura 9, os elementos que ela retrata sobre a cidade do fundo, que é um lugar cheio de fartura e circulação de pessoas lindas.

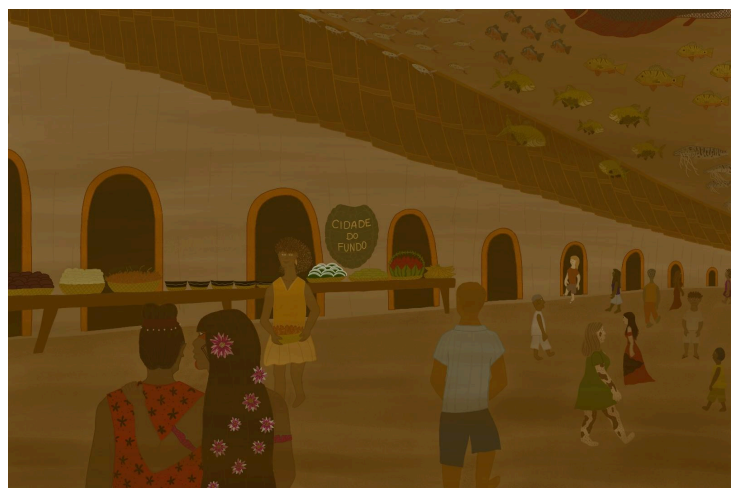


Figura 9: Cidade do Fundo. (Fonte: autora, 2024)

Na frente do canto esquerdo, está Dona Bilda de Costa observando a movimentação da cidade, enquanto sua guia, a sereia, a orienta neste mundo. A sereia está usando flores de vitórias régias (flor de lótus) em seu cabelo e bracelete na lateral da mesma planta, representando a planta aquática que a protege. Mais à frente delas, há uma mesa farta de alimentos, e mais em cima na parede, há um casco de tartaruga decorado por um letreiro escrito “cidade do fundo” para ilustrar o lugar a qual ela está visitando.

Muitas mulheres mais velhas que possui o ofício de puxar, benzer, rezar e mediunidade nas comunidades da região do Aritapera, foram tratadas e iniciadas por um pajé chamado Romualdo, ele tinha forte conexão com os botos. Segundo as lembranças das anciãs das comunidades a qual este trabalho foi desenvolvido, a fisionomia do pajé Romualdo era semelhante ao boto cor de rosa, a coloração de sua pele era avermelhada, ao receber o boto no corpo as vezes sua pele ficava lisa, mulheres menstruadas não podiam chegar próximo dele, e em algumas ocasiões se ingerava em forma de boto no rio. Após sua morte, para muitas moradoras, ele se tornou um boto encantado, passando a residir em lugar onde os botos se reúnem.



Figura 10: Emily Lopes, Histórias de Pajé Romualdo, 2024.

Procurei trazer imagetivamente na figura 10, intitulada “Histórias de Pajé Romualdo”, várias camadas da relação do Pajé Romualdo com os botos e a força espiritual que ele carregou até o dia do seu velório. Na frente há um homem, representando o Pajé Romualdo, com expressão de seriedade, está de cabeça baixa e chapéu de palha e seu corpo coberto por fumaça branca, que simboliza o cigarro de tauari utilizado em seu trabalho. Atrás do homem também há fumaças nas cores laranja e azul, simbolizando o fogo que vem assolando a floresta da Amazônia. Acima do homem, no lado esquerdo está uma área que representa a cidade do fundo do rio, rodeada de botos, e provável local onde o falecido Pajé Romualdo se materializou.

Do lado direito está a mesma floresta devastada pela ação humana, levando toda a vida que há nela. Atrás do homem há um boto vermelho que representa a transmutação do Pajé Romualdo logo após sua morte. Atrás do boto está a parede do barco com furos causados por apedrejamento realizado pelas entidades no dia do seu sepultamento. Acima do boto, entre as áreas de florestas, há um pneu e ao seu meio o cemitério com o caixão vazio encontrado pelos filhos do falecido Pajé Romualdo.



Figura 11: Se Transformando em Boto. (Fonte: autora, 2024)

Na figura 11, evidencio o Pajé Romualdo, representado por um homem em vida, pulando da ponte para o rio e se transformando em boto. Ao fundo há a belíssima arquitetura das casas da região do Aritapera e as plantações representando a agricultura familiar local, além dos fartos peixes no rio Amazonas.



Figura 12: Retornando em forma de Boto. (Fonte: Autora, 2024)

Na figura 12, represento o Pajé Romualdo subindo uma ponte de outra casa à noite. Ao lado da ponte há uma canoa com motor rabeta, principal transporte da cultura varjeira, atrás do motor está uma árvore e ao fundo um cercado onde fica o gado, nome dado a criação de bois e vacas. O chapéu de arraia (Figura 12), um animal aquático da água doce, que se apropria em áreas rasas do rio Amazonas, este animal possui um ferrão venenoso em sua cauda podendo fazer a pessoa perder seu pé caso não seja hospitalizado de imediato pela emergência após uma ferroada. No desenho, o chapéu de arraia representa mais uma variante da forma em que os botos se manifestam em forma de gente na comunidade, relatada pela Dona Rosalina. Para ela o que eles utilizam na cabeça não se trata de um chapéu de palha como é referenciada nas histórias de nossa cultura popular, em suas visões da manifestação dos botos em sua comunidade, ela nunca os viu de perto, mas a configuração que viu de longe, é em formato de arraia e por isso dona Rosalina afirma que o chapéu dos botos na realidade é uma arraia.

Nessas outras sequências de imagens que produzir, evidenciam as diversas formas que as plantas e árvores representam para as moradoras do Aritaperá, pois carregam memória, histórias e percepção própria de observar as mudanças da paisagem nas comunidades envolvidas.

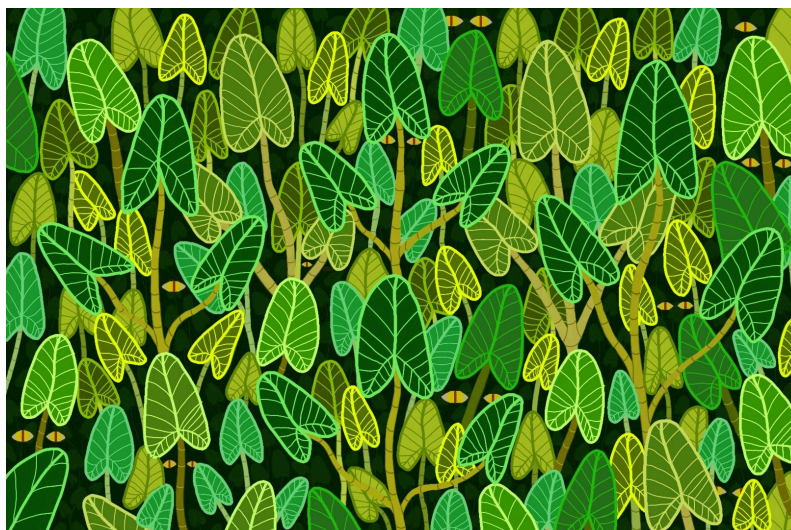


Figura 13: Aningal Encantado. (Fonte: Emilly Lopes, 2024)

Nesta figura 13 procurei evidenciar como o aningal é visualizado e os olhos que aparecem retratam a sensação de quem entra neste local em hora impróprio. O título desta imagem recebeu o nome “Aningal Encantado”

Nas comunidades da região do Aritaperá há várias plantas consideradas locais de moradas de encantados, como é o caso do famoso aningal. Aglomerado da planta aninga, uma planta aquática comum em ambiente de várzea. Por ser um ramal extenso, em seu meio reúne várias espécies de animais, como a capivara, bichos de cascos, peixes, cobras, jacarés, aves, macacos, etc. Segundo as anciãs e anciãos das comunidades, os aningais também são locais de moradas de encantados, segundo pescadoras (es) os aningais são extremamente importantes para as comunidades pois são neles que residem várias espécies de peixes e animais de caça.



Figura 14: No fundo do aningal. (Fonte: autora, 2024)

Na figura 14, procurei trazer um recorte da biodiversidade ecológica que há no fundo do rio, onde estão presentes os aningais e os animais aquáticos (pirarucu, tambaqui, piranha, surubim, tucunaré, charutinho e tracajá), mas vale ressaltar também que entre as folhagens acima do curso d'água há várias espécies de animais de caça, como pato do mato, cigana, marreca, capivara, etc. que fazem parte da base alimentar nas comunidades de várzea e de toda a região do Baixo Amazonas. No topo da imagem há o corpo da cobra suciriju, guardiã do local.



Figura 15: Dona Dalvina Pescando. (Fonte: Autora, 2024)

Na figura 15, evidenciei uma pescadora sendo observada pelo aningal. A imagem também contém uma ferramenta de pesca, permitida para uso neste local, o caniço. Mais a frente está um pedaço do corpo da cobra suciriju, próxima ao aningal, que pode ser entendida como a protetora do local. O nome que a imagem recebeu foi “Dona Dalvina Pescando”, uma personagem fictícia introduzida na obra de arte.

As mães protetoras dos cursos de águas, animais, árvores e plantas representam um papel fundamental nas relações entre moradoras e os ambientes de várzea, são as mães guardiãs que administram as regras estabelecidas ancestralmente dos ambientes fartos de alimentos, que são subsídio alimentar e econômico das comunidades. Essas regras são seguidas no ato de pedir licença ao entrar num lago, igarapé ou entre as plantas e árvores para usufruir dos recursos, não estar menstruada, não entrar nos locais de pesca com malheira e tarrafa, não maltratar dos animais e não retirar mais que necessário.

Caso essas regras sejam desobedecidas, a pessoa infratora sofre consequência no corpo e na mente, como dor de cabeça, febre, estado alucinógeno com muita vontade de ir ao fundo do rio, em casos mais graves, a pessoa chega a óbito. As formas de tratamento são diversos, mas apenas uma pessoa que há um desenvolvimento espiritual que faz o acordos, na comunidade Água Preta a pessoa que possui este ofício é a dona Rosalina (Bilda).

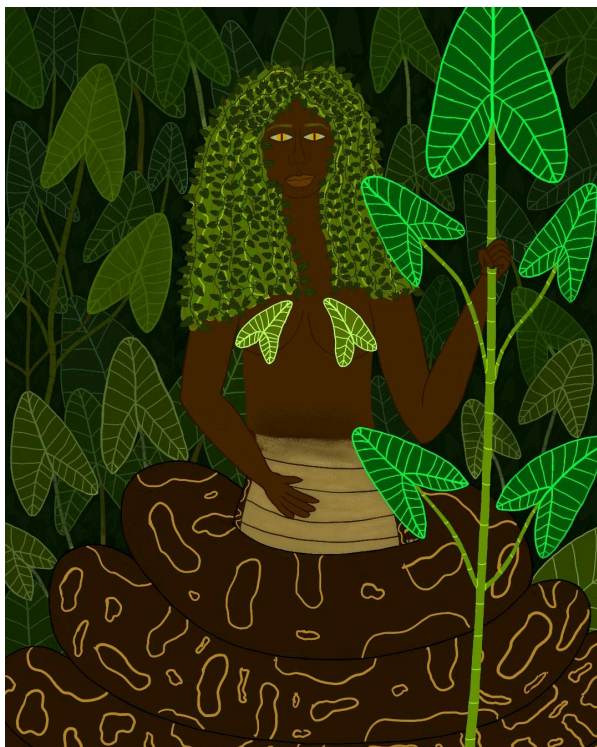


Figura 16: Mãe dos aningais. (Fonte: autora, 2024).

Procurei trazer para esta imagem (figura 16) a guardiã dos aningais presente no Aritapera, representada pela cobra grande que mora e protege este local contra os invasores. O título do retrato é “Mãe dos Aningais”, representada na metamorfose da mulher, na parte de cima, e em forma de cobra, da cintura para baixo. Ela está segurando a planta aninga. Esta imagem partiu do meu imaginário, pois não ouvi nenhum relato das (os) comunitárias (os) da existência de uma mulher em forma de cobra no meio aos aningais, porém, elas relatam que é um local onde se tem muitas cobras, principalmente a sucuriçu, além de jacaré e outros animais peçonhentos. Na percepção das moradoras, é um local considerado sagrado. Quando vão pescar próximo aos aningais em hora imprópria, eles veem visões, e a guardiã do local se manifesta. A manifestação pode ocorrer de várias formas, como a mulher idosa representada na imagem e os (as) pescadores (as) devem pedir licença, “me dê licença minha avó”, associando a uma senhora idosa.

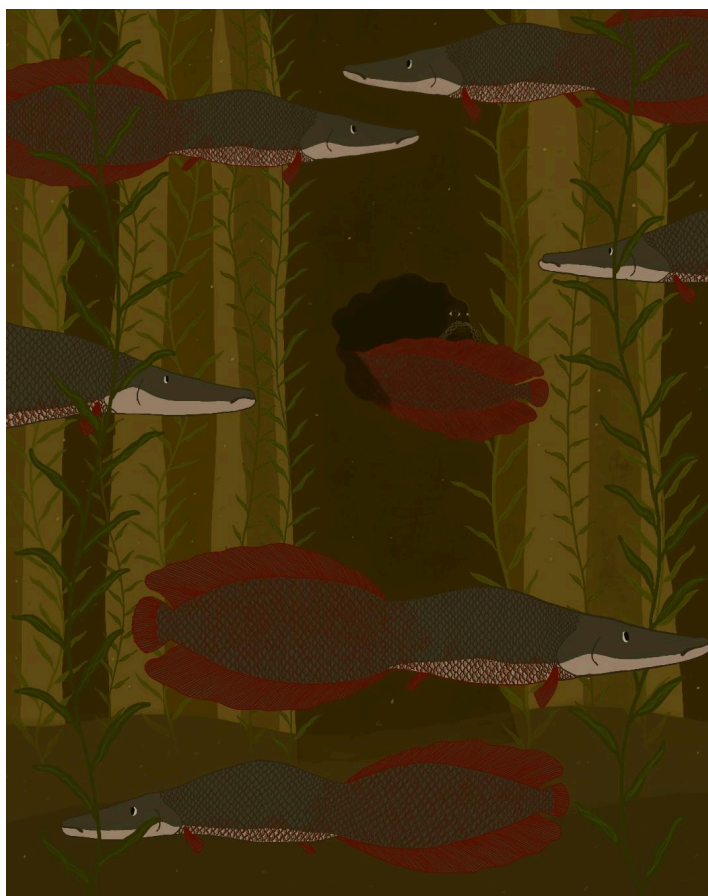


Figura 17: Mãe do Pulsão. (Fonte: autora, 2024)

A Mãe do Pulsão ilustrada na imagem (figura 17) é uma entidade muito antiga presente na comunidade Água Preta. Dona Bilda, nossa principal referência, também reafirma sobre este território sagrado que é ocupado pela pirarucu, para ela mãe guardiã do lago é muito rígida e caso as pessoas não sigam as regras estabelecidas por ela, a pessoa é malinada pela pirarucu. As descrições de dona Rosalina sobre a Mãe do Pulsão, são: corpo em forma de pirarucu da cor bem vermelha, cabeça semelhante ao formato de tambaqui e olhos grandes e pretos.

As impressões de dona Rosalina sobre a Mãe do Pulsão referente a ela ainda persistir morando no lago, mesmo diante dos abusos dos moradores (as), se trata por ela ter amor pelo local. Seu objetivo, enquanto mãe protetora, é zelar pelos seus filhos como a fauna, a flora e o território, ela aparece para intimidar as pessoas que aparecem em horário impróprio no local e que utilizam materiais inadequados para a pescaria, como malhadeira e tarrafa. Além disso, dona Rosalina citou os sintomas que a pessoa sente quando a Mãe do

Pulsão judia, como dor de cabeça, febre, arrepio e medo do olhar dela. Cada pessoa sente de uma forma quando cruza com a Mãe do Pulsão.



Figura 18: Mãe Sapucaia. (Fonte: autora, 2024)

A última imagem apresentada acima na figura 18, é a Mãe Sapucaia, retrata a árvore castanheira sapucaia na época de floração com o tronco em formato de corpo de uma mulher, segurando um ouriço vazio. Procurei trazer nesta imagem para o projeto Taperas porque as moradoras da comunidade Água Preta retratam uma forte relação histórica com a árvore, que é considerada antiga e um marcador territorial. Nesse caso, a árvore por si própria é a mãe que protege a si e o entorno, cura e alimenta, pois seu fruto e casca de seu tronco tem propriedades nutritivas e medicinais, segundo os saberes tradicionais amazônicos.

Para dona Bilda, em toda árvore há mãe, em sua explicação acerca da mãe protetora, ela menciona que algumas árvores têm mãe, como é o caso de uma castanheira que ficava em frente a escola da comunidade. Nela aparecia uma velha e que desapareceu após uma pessoa ter derrubado e ateado fogo. Em consequência, essa mesma pessoa morreu em seguida. Dona Rosalina mensura que na época em que tinha 15/16 anos, no seu território havia muita visão, mas foi diminuindo por conta do desmatamento.

Conclusão

Este trabalho resulta de um amplo trabalho desenvolvido ao longo dos anos de 2023 e 2024, esses anos em específicos a região passou por sucessivas emergências ambientais, decorrente da crise hídrica no período a da estiagem do rio Amazonas. Esta pesquisa engloba os temas relacionados a gênero, mudanças climáticas e encantados, pois falar sobre mulheres que vivem nas beiradas dos rios, é compreender que seus corpos e formas de ver o mundo estão intrinsecamente ligados aos cuidados e proteção do território, tanto na perspectiva física/corporal quanto espiritual, é um cuidado coletivo (KRAHÔ, 2017. CARDOSO, 2019, LOPES, 2025).

O uso do desenho, imagem e pinturas para falar sobre encantarias é uma forma de fazer escrivência e contracolonização, pois estamos falando de mulheres afroindígenas amazônicas que cotidianamente lutam pelas suas formas de existir no mundo, pela permanência dos seus modos de vida nos territórios e suas relações espirituais com os seres que moram no fundo do rio. Os desenhos trabalhados nesta pesquisa trazem o que não é visto no mundo material, revela o dito e o não dito em campo.

Sendo assim, por meio da arte foi possível dialogar com diferentes públicos em torno dos temas que esta pesquisa expõe e proporcionou reconhecimento da percepção varjeira em torno das memórias orais sobre as diversas relações e conexões com encantados nas comunidades envolvidas.

Referência Bibliográfica

CARDOSO, Luana da Silva. Tecendo Conhecimentos Entre Mulheres Kumaruara: Política e Cura Indígena. 2019. Trabalho de Conclusão (Bacharelado em Antropologia) – Instituto de Ciências da Sociedade – Universidade Federal do Oeste do Pará. Santarém, 2019. f. 12-18.

CARVALHO, Luciana. Dossiê de registro do Modo de Fazer Cuias do Baixo Amazonas. Santarém, Iphan. CNFCP, 2015.

EVARISTO, Conceição. Becos da memória. 1ª. Ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017. ISBN: 978-85-3470-520-2.

KRENAK, Ailton. Futuro Ancestral. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

KUSCHNIR, Karina. A antropologia pelo desenho. Experiências visuais e etnográficas. Cadernos de Arte e Antropologia, v.5, n.2, p. 5-13, 2016.

KUSCHNIR, Karina. 2019. A antropologia como uma forma de olhar o mundo: uma conversa com Karina Kuschnir. Entrevista concedida a Diana B. Mello. Kula. Antropología y Ciencias Sociales, nº 20/21: Especial aniversário. Diciembre, p. 22-29, 2019.

LICATA, Gabriel Rêgo. Invisibilidade de pessoas LGBTQIA+ em festividades interioranas nas comunidades da grande área do Aritapera. 2023. Dissertação (Mestrado em Ciências da Sociedade) – Instituto de Ciências da Sociedade – Universidade Federal do Oeste do Pará. Santarém. 2023.

MOURA, Beatriz Martins. Pedagogia do ebó: horizontes possíveis para a universidade a partir de mulheres de axé. 1.ed. Curitiba: Appris, 2023. 183 p. ; 23 cm. (Ciências Sociais - Secção Antropologia). ISBN 978-65-250-5037-9.

PEREIRA, Anderson Lucas da Costa. A festa da princesa Mariana: a dança revelando a ?turquia cabocla? na Amazônia. PROA: Revista de Antropologia e Arte, v. 2, p. 67-87, 2018.
PEREIRA, Anderson Lucas da Costa. Nascimento, Tempo e Espaços de Ser no Encantamento: Sentidos do Encantar em um Terreiro de Tambor de Mina em Monte Alegre (PA) GOLDMAN, M. (org.). Outras histórias. Ensaio sobre a composição de mundos na América e na África. Rio de Janeiro: 7 letras. 360 p. 2021. ISBN: 978-65-5905-176-2.

SANTOS, Antônio Bispo dos. Colonização, Quilombos: modos e significações. Brasília: Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia de Inclusão no Ensino Superior e na Pesquisa, 2015.

VAZ FILHO, Florêncio Almeida. A emergência étnica dos povos indígenas no baixo Tapajós, Amazônia. 2010. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Universidade Federal da Bahia, Bahia 2010.

VAZ FILHO, Florêncio Almeida; CARVALHO, Luciana Gonçalves de. (Ed.). Isso tudo é encantado. Santarém: UFOPA, 2013. 126 p. ISBN 978-85-65791-13-7.